

San Carlo Barli - Valdocco ✓

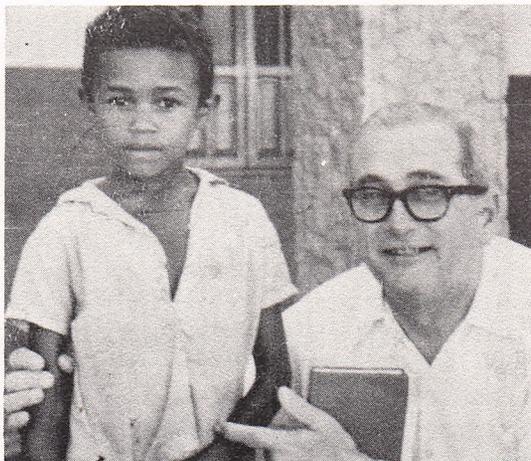
Missão Salesiana de Mato Grosso

Patronato Salesiano
Alto Araguaia - Mato Grosso
Brasil

26 de julho de 1980

Prezados Irmãos,

ao entardecer do dia 24 de maio último, consagrado à Virgem Auxiliadora, "*fundadora e guia de nossa família*", após soarem as Ave-Marias, vitimado por derrame cerebral, conclui sua laboriosa jornada o nosso irmão.



Padre DOMINGOS VALLERO

Apesar de não gozar de muita saúde, nada fazia prever tão rápido desaparecimento. No dia 18 de maio, festa da Ascensão do Senhor, celebrou, como de costume, missa na igreja paroquial. A liturgia, comemorando a entrada triunfal de Jesus na glória do Pai, convidava-nos a uma *"fervorosa ação de graças, pois, membros do Corpo de Cristo, somos chamados na esperança a participar de sua glória"*. Ninguém, entretanto, poderia prever que, no domingo seguinte, aí estaria o sacerdote para testemunhar, no silêncio da morte, essa esperança.

Na citada festa, quando os internos se recolham para as orações da noite, acusou tonturas, dizendo a um irmão que estava a seu lado: *"Não sei o que se passa comigo!"* Levado de urgência ao hospital, os médicos constataram uma acentuada hipertensão arterial com desequilíbrio hidroeletrolítico. Em poucas horas perdeu a fala e o conhecimento. A notícia suscitou grande tristeza, particularmente entre os alunos, para os quais P. Domingos era conselheiro e amigo de todas as horas. Vã toda a esperança de melhoras: na noite de 24 de maio, um respiro mais profundo marcou o desenlace fatal. A notícia correu rápida pela cidade e, quando o corpo chegou ao colégio, numerosos eram aqueles que o aguardavam. Foi velado a noite toda.

O enterro realizou-se na festa de Pentecostes. A missa exequial, celebrada na igreja paroquial, contou com a participação maciça dos alunos, de grande afluência popular e de salesianos vindos de várias partes da Inspeção. Pe. Mário Pellattiero, reitor do Seminário Cristo Rei de Cuiabá, presidiu a celebração. Na homilia realçou a disponibilidade do extinto ao chamado do Senhor que, como cantava a liturgia da festa, consagrou-o *"para dilatar o reino de Cristo entre as nações; para proclamar a Boa Nova aos pobres; para consolar os corações esmagados pelo sofrimento"*. Concluída a absolvição final, todos se encaminharam para o cemitério. Primeiro salesiano, nos sessenta anos de nossa presença em Alto Araguaia, a repousar no Leste matogrossense, seja de seu túmulo, posto à vista da cidade, estímulo e inspiração à realização de nosso projeto educativo: **Levar Cristo aos jovens!**

P. Domingos Vallero nasceu aos 26 de julho de 1916, em Foglizzo, Itália, último de seis filhos de Luís e Teresa Gallenca. Em Foglizzo, no declinar da existência, Dom Bosco abriu um segundo noviciado, santificado desde o início pelas virtudes de dois veneráveis: André Beltrani e Augusto Czartoryski. Nesse ambiente de salesianidade, *“tivemos — escreve o primo Pe. Angelo Gallenca — o grande dom de uma família ótima. Nela brotaram quatro vocações sacerdotais, uma de coadjutor e uma de FMA. No curso primário, tivemos a presença, como professor, de um santo sacerdote que, com a ciência, nos infundiu a fé e o amor à vocação. Éramos os benjamins do vigário, a quem servíamos cotidianamente a missa. Seguia-nos particularmente nas férias”*. Não faltava nesse ambiente a palavra e o exemplo do tio salesiano, Pe. Domingos Gallenca. Por inspiração deste, os dois primos entramos *“em 1928 no Instituto Paterno Dom Bosco de Castelnuovo, onde encontramos um ótimo diretor na pessoas do Pe. Chiabotto e, em 1930, do Pe. Pedroni, verdadeiro pai e mestre dos dos aspirantes, quando o aspirantado se transferiu para Bagnolo”*. Neste ambiente de autêntica família, o jovem aspirante firma cada vez mais sua vocação, tornando-se *“exemplar em tudo, estimado pelos superiores e pelos colegas. Dotado de voz angelical, é freqüentemente escolhido para solos, seja na igreja, seja no teatro”*.

Em 1933, ao terminar o curso ginásial, é enviado às missões, integrando a primeira turma de noviços destinada a Mato Grosso. A 21 de novembro, desembarca no Rio de Janeiro e, tendo passado por São Paulo e Santos, segue com os companheiros para Montevideú, donde, refazendo o caminho percorrido pelos primeiros salesianos vindos a Mato Grosso quarenta anos antes, sobe o Rio da Prata e seus formadores, chegando à capital matogrossense no dia 14 de janeiro de 1934.

A 28 de janeiro de 1934, ano da canonização de Dom Bosco, no vetusto seminário de Cuiabá, com outros seis companheiros, inicia o noviciado. A presença de Dom Aquino e de outros beneméritos salesianos, as freqüentes visitas do Pe. Carletti, otimista e cheio de fé, forem elementos valiosos de seu amadurecimento vocacional. A 29 de janeiro do ano seguinte, consagra-se ao Senhor com a profissão religiosa. Excetuando-se um, o grupo desses primeiros professos continua ainda hoje nas lides salesianas do Brasil.

Antes de concluir os estudos filosóficos, é enviado ao Liceu São Gonçalo para o tirocínio. São mais quatro anos de intensa atividade: assitência, aulas, esportes, teatros, corais. O dia começa cedo com a meditação e termina altas horas da noite, após o adormecer dos internos e a preparação das aulas. Tudo isso num ambiente de alegria e entusiasmo.

Em março de 1941, entra no Instituto Pio XI - Lapa, para os estudos teológicos, que conclui a oito de dezembro de 1944, cinquentenário da Missão Salesiana de Mato Grosso, com a ordenação sacerdotal, pelas mãos do então Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta.

As primícias sacerdotais são para o Colégio Dom Bosco, recentemente fundado na cidade de Tupã da Alta Paulista, onde, por dois anos, é conselheiro. Coordenador dos estudos, é a alma de todas as atividades que constituem o dia a dia da vida salesiana: aulas, jogos, teatros, cantos. Exigente na disciplina, sabe ser compreensivo e tolerante, na realização do "fortiter et suaviter", merecendo a simpatia dos alunos, que lhe guardam com saudade a lembrança. Em 1947, é transferido para o Seminário de Cuiabá, na qualidade de catequista, retornando dois anos depois para Tupã. Em 1950 é nomeado diretor do colégio, onde já funcionava um grupo de aspirantes, que lhe merecem as melhores atenções. A atividade do novo diretor se pauta no trinômio de Dom Bosco: alegria, estudo e piedade, para promover um sadio clima, entre os alunos. É desse período a inauguração do monumento a Dom Bosco na praça homônima, em frente ao colégio: bonito grupo de bronze ao Pai e Mestre da juventude. A solenidade, presentes as autoridades do município e delegações dos colégios salesianos da região, constituiu-se num preito de amor e homenagem a Dom Bosco e aos salesianos.

Em 1954 é transferido para o Colégio Santa Teresa de Corumbá, exercendo ao mesmo tempo o cargo de vigário geral da diocese, em colaboração fraterna e atenciosa ao bispo salesiano, Dom Orlando Chaves. Escreve o Sr. Luís França, salesiano: "*Em Corumbá, como diretor, deu vida ao pequeno internato composto de 50 alunos. Sempre alegre, jovial, sabia irradiar simpatia e angariar a amizade dos jovens, a quem dirigia, orientava e aconselhava como um verdadeiro pai. Professor de latim, músico e simpatizante do teatro, serviu-se desses predicados para criar um belo*

coral com o qual abrilhantava as missas dominicais e as festas religiosas. Cuidou com carinho do Oratório Festivo; deu vida às companhias religiosas, incentivou os ex-alunos e cooperadores, além de incrementar o teatrinho salesiano. Na parte material, não descuidou do vetusto prédio do Santa Teresa, pintando-lhe as paredes, reformando-lhe salas e telhados; construiu, também, duas belas quadras de esporte. Bom religioso, amigo dos irmãos salesianos, querido pelos alunos e suas famílias”.

Em 1957, é transferido para o aspirantado de Coxipó da Ponte, Cuiabá. O aspirantado, instalado no ano anterior nas vetustas construções que foram o primeiro noviciado da inspetoria, dispunha de acomodações acanhadas e insuficientes. Os recursos eram limitados. P. Domingos, confiando na Providência, põe mãos à obra e inicia nova construção. Os trabalhos procedem ao longo do sexênio, devagar, mas sem interrupções. Ao findar o período de seu mandato, pôde entregar à inspetoria um novo prédio com amplas e cômodas instalações para os aspirantes que crescem em número e qualidade. Lá, no Coxipó da Ponte, o prédio, como dois braços abertos em acolhida às novas gerações que se sucedem, perpetua-lhe o destemor e a laboriosidade. As preocupações materiais não lhe desviam as atenções pela formação dos aspirantes. Escreve P. Afonso de Castro, diretor do aspirantado de Campo Grande: *“Conheci P. Domingos, de passagem, quando era diretor de Coxipó: muito simpático e atencioso. Soubera dele através dos aspirantes que iam de Coxipó para Tupã para as 4ª e 5ª séries. Através deles soube da dedicação, dos passeios, dos teatros, da vida cheia de atividade”.* Cativado pela vida de família vivida nos primeiros anos do aspirantado, se empenha para reproduzir o mesmo ambiente de familiaridade e de piedade.

Sentindo forte inclinação para casas de formação, em 1964, após um ano apenas na direção do Patronato de Alto Araguaia, aceita com prazer a oferta do P. Inspetor para dirigir, a pedido de Dom Orlando Chaves, Arcebispo de Cuiabá, o Seminário Cristo Rei. Datam desse tempo numerosos rascunhos de conferências aos seminaristas, prova de seu empenho na formação dos candidatos ao sacerdócio. O primeiro padre diocesano é aluno desse período e, num gesto de gratidão, quis fazer ao querido mestre enfermo uma visita, encontrando-o em estado comatoso. Dom Bonifácio,

administrador da arquidiocese, recordando seu trabalho, em telegrama de condolências, aponta-o "*benemérito do Seminário Cristo Rei*".

Interesse especial demonstra para com os assistentes. Um deles escreve: "*Lembro-me com saudades do Pe. Vallero: tenho-o como pai e mestre em todo o tempo de tirocínio*". P. Afonso continua em seu depoimento: "*Através de meus colegas de assistência, soube da dedicação, acompanhamento e carinho para com os clérigos assistentes. Queria-os alegres e animados, proporcionando-lhes pequenas reuniões de lazer*".

Em 1969 é transferido para o aspirantado de Lucélia e, com o mesmo entusiasmo, dedica-se aos jovens aspirantes. Um ex-aspirantes escreve-lhe, anos mais tarde, recordando com saudades os melhores momentos de sua vida, no ambiente de Lucélia: "*O senhor influenciou muito na minha educação com um trabalho dedicado e bastante amor, fatores estes que serviram de estrutura para toda a minha vida*".

Com a transferência do aspirantado para a casa de Araçatuba é destinado a outra casa. Sente-se quase preterido em seu trabalho pelos aspirantes. Desanimado e com saúde precária, obtém dos superiores licença para regressar à Itália. Passa alguns meses com os familiares em Foglizzo, edificando a todos pela piedade e recolhimento. Escreve o primo P. Gallena: "*Quando rezava missa na capela do bairro La Consolata era de um fervor angelical e todos sentiam-se felizes em terem oportunidade de participar de suas missas*". Enviado à casa salesiana de Livorno, aos poucos sente-se "*como um peixe fora d'água*". As saudades das pessoas e dos lugares, onde por 35 anos despendera o melhor das energias, tomam conta. Sente que não pode viver longe da inspetoria de Mato Grosso e pede para voltar. Escrevia, ao regressar: "*Hoje me sinto como cinco ou seis anos atrás, disposto para tudo... posso trabalhar e produzir ainda*". É acolhido com carinho pelos padres irmãos Utel na paróquia de Lucélia para "*uma experiência nova*". Pondo a serviço da comunidade suas qualidades de músico e pintor, colabora no atendimento sacerdotal às comunidades religiosas.

Apesar das atenções e desvelos com que era tratado, percebe que o trabalho numa paróquia não lhe satisfaz a inclinação que sente para a vida de colégio, onde sempre vivera. Escrevia-me a mim, então vigário inspetorial com a confiança de antigo colega, pedindo para que apoiasse sua volta às casas de formação ou aos colégios. Em 1975 seu pedido é atendido e é enviado este Patronato

de Alto Araguaia, com o cargo de coordenador da pastoral. Escreve ainda P. Afonso: *“Depois de muitos anos, encontrei-o em Alto Araguaia, já alquebrado pela doença e pelos achaques. Eu, diretor novo e novo em idade, fui acolhido como lídimo superior da comunidade de maneira tão gentil e tão salesiana que me impressionou. Durante três anos de convivência, observei seu zelo pelos alunos a quem atendia diariamente, ajudava nos trabalhos, orientava nas pesquisas de forma tal que nas atividades extra-escolares a presença do Pe. Domingos era constante. Era o vovô para os pequerruchos e o amigo para os adolescentes. Com os primeiros brincava, com os segundos conversava e aconselhava. Quantos adolescentes não saíam da biblioteca, onde os atendia, alegres, aliviados das angústias e dos problemas a ele confiados. Ouvia carinhosamente a todos e orientava, infundindo coragem para a vida e para o estudo”*.

Em Alto Araguaia vive os últimos anos. De saúde cada vez mais precária, contínua em suas ocupações com alma de jovem, atendendo na enfermaria, na biblioteca, nas aulas até o último dia, até o último momento. Colabora com prazer na preparação de festas religiosas e profanas. A quinze dias da doença fatal, ensaia para a festa das mães e leva à cena, com arte e bom gosto, artísticos números.

Ele viveu até o fim nosso projeto educativo *“com uma presença de amizade, que anima e ajuda os jovens a crescer o espírito de família, experiência, rica de valores humanos e cristãos”*. *“Sempre trabalhei em colégios ou em casas de formação e nelas estou a gosto e realizado”*, é a sua confissão.

“Religioso exemplar na vida de comunidade - escreve P. Afonso - nas práticas de piedade e na observância das Constituições” foi um devoto entusiasta de Nossa Senhora Auxiliadora. Ela foi a estrela de sua vida religiosa e sacerdotal. Celebrou-lhe com gosto as festas e utilizava suas qualidades de músico e de pintor para entusiasmar os jovens na mesma devoção. Em Coxipó construiu uma bela gruta, diante da qual ainda hoje os aspirantes se reúnem para as práticas marianas.

“De caráter dócil, manso, sensibilíssimo” consagrou à vida para os jovens e estes corresponderam com carinho e gratidão, como provam as numerosas cartas encontradas sobre sua mesa de trabalho. Uma ex-aluna, ao saber do falecimento, escreve: *“Fiquei muito triste e para mim foi um grande choque. Esperava revê-lo,*

ouvir aquela voz tão meiga, aquele sorriso tão alegre... considerava-o como fosse um pai para mim”.

Outros atestam: “Foi uma pessoa de bom coração, cheio de amor, de amizade, de paciência. Ele deixou uma marca profunda em minha vida. Foi um ótimo conselheiro e um excelente professor. Sabia fazer-se respeitar, aliando amizade com autoridade: bom, justo, caridoso; foi uma pessoa que fez muita gente feliz”.

O prefeito da cidade, associando-se ao luto, oficiou: “Vimos, enlutados, apresentar nossos pêsames pelo passamento do saudoso P. Domingos Vallero, exemplo de amor e dedicação ao trabalho e à educação. Essa comunidade perdeu um exemplo de homem religioso e sobretudo de amor ao próximo”.

Por tudo isto, concluímos com P. Afonso: *“Alto Araguaia perdeu com Pe. Domingos o exemplo concreto de quem se dedica carinhosamente à formação dos jovens; a inspetoria, um salesiano que concretizou o espírito de Dom Bosco, de quem era profundo conhecedor”.*

“Quem me honra, terá a vida eterna”. Estas palavras, aplicadas a N. Senhora e às circunstâncias da morte de P. Domingos, no dia da Auxiliadora, nos dão a certeza de que esteja na posse da bem-aventurança eterna. Recomendo-o, porém, às fraternas orações dos salesianos. Queiram, outrossim, recordar esta comunidade, para que, na esteira de P. Domingos, realize com fidelidade o projeto educativo salesiano. P. Domingos obtenha que muitos jovens saibam acolher com disponibilidade o convite do Senhor: vinde após mim! E preencham os vazios que a morte vai abrindo em nossas fileiras.

Em união de orações, irmão em Dom Bosco,

P. José Corazza
diretor

Dados para o necrológico:

Pe. Domingos Vallero* 26/07/1916 em Foglizzo, Itália; † 24/05/1980 em Alto Araguaia, MT, Brasil, com 63 anos de idade, 45 de profissão e 35 de sacerdócio.